

A borda como função da escrita estrutura a entrada dos efeitos de discurso¹

Iaci Torres Pádua

Prezados colegas,

Pelas dificuldades que estamos todos vivendo é uma alegria que a Comissão Organizadora tenha proposto realizar esta reunião. O Colóquio Internacional de Convergencia é um momento importante pela possibilidade de participação de todos que se inscrevem em Convergencia.

Pelo tema e pela convocatória, pensei em trabalhar a questão da borda na vertente da práxis analítica pela entrada da lógica com a qual o discurso analítico está comprometido, que é a lógica do fantasma, esta lógica que Lacan diz que somos obrigados a fundar em nome dos fatos do inconsciente.

Pensei também, a borda, em sua função de borda, estruturando a entrada dos efeitos de discurso pela função da escrita.

Consequência das operações da lógica do fantasma, a função de borda não está em limitar o movimento dos pensamentos nem dos discursos, porque se for algo que se estruture como borda, o que ela limita, pela função da escrita, está em posição de entrar na função bordejante. Neste ponto do caminho podemos dizer que se inicia a distinção entre o litoral e o literal, como está situada no Seminário 18 (LACAN, 1971/2009)?

No seminário 19, “...ou pior”, anos depois do Seminário 14 (LACAN, 1966-67/2017), Lacan está trabalhando os discursos no confronto com os corpos, o corpo como seu suporte. E uma de suas perguntas é: “O que há no discurso analítico, entre as funções do discurso e o suporte corporal?” (LACAN, 1971-72/2012, p. 221). Em que tudo é semblante e verdade, em que tudo que se diz faz gozar.

Por isso, nos oferece o dizer: “Que se diga, como fato, fica esquecido por trás do que é dito” (IDEM).

A fala então é o que é dito e está no que se ouve e o dizer é outra coisa, está em outro plano, é o discurso.

¹ Trabalho apresentado no Colóquio Internacional de Convergencia Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, “Bordas: Psicanálise e Deslocamento”, 25 e 26 de junho de 2021, OnLine.

O dizer é feito de relações, que exigem a ordem certa na articulação significante. Ou, para uma coisa ser dita é preciso algo diferente do que se imagina sobre o nome de realidade.

Ao trabalhar essas diferenças, Lacan insere algo que se destacou e vou colocá-lo aqui, foi por essa situação do objeto pequeno a e do sujeito, como efeitos do dizer, que está ressaltada, que voltei às questões de borda na lógica do fantasma.

Como nos mostra Lacan:

O dizer tem seus efeitos, dos quais se constitui o que chamamos de fantasia, a relação entre o objeto a que é o que se concentra por efeito do discurso para causar o desejo e esse algo que se condensa em volta, como uma fenda, e que se chama sujeito (LACAN, 1971-72/2012, p. 222).

Ou seja, o objeto a é o que está sempre entre cada um dos significantes e o sujeito está sempre não entre, mas hiante.

O que me chamou atenção é que esses anos, do Seminário 14 ao 19 foram de muito trabalho para Lacan, desde o “para fazer o objeto a ” e o “para fazer a fantasia”.

O que nos põe diante do fato de que para a articulação do gozo, seja a do sujeito petrificado pelo significante mestre, ou pela borda em seus deslocamentos pela função da escrita, o sujeito, como lógico, é exigido a trabalhar.

Nessa tarefa estão também esses pontos que necessitam a entrada de novos operadores. A partir do $S(\mathcal{A})$, o Significante da falta no A , o falo em função significante, e o falo, como Lacan situa no Seminário 18, como semblante, temos vias que portam os efeitos de estrutura aos discursos. O efeito de entrada, em seu ponto radical, tem a letra excluída, ela falta.

Se, no seminário 19, Lacan trabalha para estabelecer a distinção entre gozo e corpo, lá, no 14, nos insere no rigor da matemática, para trazer à tona operadores necessários na dificuldade, por exemplo do S_1 , entrar no artefato de discurso.

Em seus seguimentos a questão é com a descoberta radical de Freud, pela importância da verdade para ele.

Por que Lacan vai à matemática? Volta e meia surge essa pergunta. No início de “...ou pior”, ele nos diz que foi a partir do momento em que a lógica veio a confrontar-se com algo que sustenta uma referência de verdade que ela produziu a variável aparente x ; que marca um lugar vazio, no que se está tratando.

Sabemos da importância da verdade para Freud. Em seu caminho, a repetição é o ponto fundamental, ponto de retorno de toda obra e descoberta freudiana. A repetição do traço unário coloca o significante no circuito da verdade.

Se um significante não significa a si mesmo o que significa essa relação com o $S(\hat{A})$, o significante Um-demais, um significante que falta? Do rigor das formulações matemáticas e do que na matemática se trata de esquecer, o significante é o que se manifesta como possibilidade de uma intervenção direta sobre a função do sujeito.

Se o significante é o que representa um sujeito para outro significante, esse efeito de significação tem um sentido próprio como efeito de verdade.

O que a experiência analítica traz do processo mais moderno da lógica é a relação do significante com a verdade por curto-circuitar todo o pensamento que a sustenta.

Freud quando trabalha o *Homem dos Lobos*, e seu sonho de repetição, quando quer saber a verdade, não se reduz a um sim ou a um não, ou em qual idade ele viveu essa alguma coisa reconstruída com a ajuda do sonho. O essencial para ele é saber como o sujeito pode verificar essa cena em todo o seu ser e por seu sintoma. Ou seja, como ele pode articulá-la, em termos propriamente, significante.

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques [1966-67]. *O Seminário, livro 14: A lógica do fantasma* (inédito). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2017.

LACAN, Jacques [1971]. *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques [1971-72]. *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.